

Livro de Atas

II Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE)

II International Conference on Teacher Education (INCTE)

Título: II Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): Livro de atas
Edição: Instituto Politécnico de Bragança
Editores: Manuel Vara Pires, Cristina Mesquita, Rui Pedro Lopes, Graça Santos,
Mário Cardoso, João Sousa, Elisabete Silva, Carlos Teixeira (Eds.)
Ano: 2017
ISBN: 978-972-745-222-4
Handle: <http://hdl.handle.net/10198/4960>

Influência dos media nas escolhas alimentares das crianças	713
<i>Cristiana Ribeiro, Cristina Mesquita</i>	
Literacia financeira de futuros professores: contributos da didática da matemática	720
<i>Lina Fonseca</i>	
Literatura clássica de potencial receção infantil na construção de valores	729
<i>Carla Guerreiro, Lídia Santos, Paula Vaz</i>	
Monitorização da prática letiva e desenvolvimento profissional	734
<i>Daniela Gonçalves</i>	
Motivação para a aprendizagem escolar: alunos investigadores	739
<i>Ana Sofia Rézio</i>	
O poder das narrativas enquanto experiências de supervisão: polifonias da Rede ECG	746
<i>Luís Santos, Teresa Martins, Isabel Sandra Fernandes</i>	
Perceções dos alunos sobre o ensino-aprendizagem da programação	755
<i>Danielle Nathalia Gomes, Rui Pedro Lopes</i>	
Índice de Autores	765
Índice de Palavras-Chave	767

Literatura clássica de potencial receção infantil na construção de valores

Carla Guerreiro¹, Lídia Santos¹, Paula Vaz¹
carlaguerreiro@ipb.pt, lidia.flavie@ipb.pt, paulavaz@ipb.pt

¹*Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal*

Resumo

O presente estudo insere-se num projeto de investigação internacional mais amplo, a decorrer entre fevereiro e junho de 2017. Neste contexto, os objetivos delineados assentam na necessidade de ver melhor consolidadas perceções que apontam para uma ligação estreita entre a literatura de potencial receção infantil e a construção pessoal de valores. Pretende-se, então, perceber como é que a literatura clássica para a infância veicula valores e contribui para a construção pessoal dos mesmos. Assim, fez-se previamente uma escolha apurada de um *corpus* textual de cariz clássico. Recorrendo a uma metodologia qualitativa e mais concretamente à análise documental, partiu-se da tipologia de valores apresentada por Schwartz et al. (2012) e analisaram-se os contos selecionados, mais concretamente os contos dos Irmãos Grimm: "O Pássaro Dourado"; "O Pescador e a sua Mulher"; "Põe-te-Mesa, Asno de Ouro e Cacete-Sai-do-Saco". Trazem-se agora à discussão resultados preliminares desta análise, bem como a necessária reflexão. Nesta reflexão enfatiza-se a importância do conhecimento e da utilização destes contos por parte de futuros educadores de infância e professores do ensino básico na sua prática pedagógica, na promoção de valores e, conseqüentemente, na educação para o desenvolvimento.

Palavras-Chave: literatura para a infância; contos; valores.

1 Introdução

Jacques Donzelot assinala, entre outros esforços que tiveram lugar ao longo do século XIX, o de garantir a educação das crianças. A Infância era demarcada pela falta de experiência e inocência natural e cabia à escola preparar a criança para a realidade. Progressivamente, e sendo a escola um espaço privilegiado, a literatura começou a ser convocada para este objetivo e para o desenvolvimento da intelectualidade da criança (Zilberman, 2003).

Recorde-se que, naquela época, não se podia ainda falar de uma Literatura para a Infância com as características que se foram definidas nas décadas seguintes, mas é durante o século XIX que se dá progressivamente a sua consolidação. Para que esta acontecesse, contribuiu também, a nosso ver, o Romantismo cujas características, nomeadamente uma enorme carga de fantasia e ingenuidade, bem como o seu sentido humanitário, acabaram por se refletir nas produções literárias. A violência presente nos contos de Charles Perrault cede lugar a um humanismo onde se destaca o sentido do maravilhoso da vida, a esperança e a confiança. Assim, perpassam, já nos contos dos Irmãos Grimm, de forma suave, duas temáticas em especial: a solidariedade e o amor ao próximo. Ao tom irónico de Perrault contrapõe-se o ingénuo dos Grimm e as frases curtas e a sintaxe simples destes justificam a sua adaptação às crianças, contrastando com o modo como Perrault trabalhava o texto e a moral para conseguir a ironia (Bettelheim, 2011). Mal ganhou forma a produção de livros infantis, os volumes dos Grimm tornaram-se a fonte de inúmeras traduções e versões, em todas as línguas, podendo afirmar-se que, de algum modo, com eles surge uma literatura de potencial receção infantil que, ainda na atualidade, encanta crianças de todo o mundo.

Segundo Martins (2013), até aos dias de hoje, os contos para a Infância têm vindo a ser tradicionalmente utilizados como forma de transmissão de valores, das gerações mais velhas para as gerações mais novas.

A narrativa, enquanto género literário, e especialmente os contos infantis, revelam-se particularmente adequados para uma educação para os valores. Não apenas no sentido tradicional de transmissão de valores, mas sobretudo ao serviço de uma construção pessoal de valores articulada com valores partilhados de carácter mais universal. (Martins, 2013, p. 8)

Importa então, perceber, antes de mais, do que falamos quando falamos em valores.

Segundo Schwartz, Sagiv e Boehnke (2000), valores são representações cognitivas dos objetivos ou motivações importantes para as pessoas, distinguindo-se primeiramente pelo objetivo motivacional que expressam. Eles “exercem profunda influência na vida de todas as pessoas, ao nível individual e social, constituindo-se um elemento essencial para a explicação do comportamento humano” (Granjo & Peixoto, 2013, p. 4).

Schwartz, Sagiv e Boehnke (2000) apresentam dez tipos de valores motivacionalmente distintos que têm por base exigências universais da condição humana e que foram já validados pela investigação em diferentes culturas. Cada tipo é definido em termos do seu objetivo central, ou seja, do estado final desejado para o qual se direciona. Estes dez valores provêm de três necessidades básicas do ser humano, isto é das necessidades individuais enquanto organismo biológico, das necessidades de interação social, e das de sobrevivência e bem estar (Schwartz & Boehnke, 2004, citados por García, Barbero & Muñoz, 2017, p. 126).

Mais recentemente, Schwartz et al. (2012) apresentam uma nova classificação como resultado de uma redefinição da primeira, sendo agora formada por 19 valores acompanhados da respetiva definição conceptual, elaborada tendo por base a motivação subjacente: auto-direção-pensamento (liberdade para cultivar as próprias ideias e habilidades); auto-direção-ação (liberdade para determinar as próprias ações); estimulação (excitação, novidade e mudança); hedonismo (prazer e gratificação para si próprio); realização (sucesso de acordo com os padrões sociais); poder-dominância (poder através do exercício de controlo sobre as pessoas); poder-recursos (poder através do controlo de recursos materiais e sociais); rosto (segurança e poder através da manutenção da imagem pública e evitando humilhação); segurança-pessoal (segurança no ambiente imediato); segurança-sociedade (segurança e estabilidade na sociedade em geral); tradição (manutenção e preservação das tradições culturais, familiares ou religiosas); conformidade-regras (cumprimento de regras, leis e obrigações formais); conformidade-interpessoal (restrição de ações que possam perturbar ou prejudicar outras pessoas); humildade (reconhecimento da sua insignificância no esquema maior das coisas); benevolência-dependência (ser um membro confiável e digno de confiança no grupo); benevolência-cuidado (devoção ao bem-estar dos membros do grupo); universalismo-preocupação (compromisso com a igualdade, justiça e proteção para todas as pessoas); universalismo-natureza (preservação do ambiente natural); universalismo-tolerância (aceitação e compreensão daqueles que são diferentes de si mesmo).

A importância que cada indivíduo atribui a cada um destes valores constitui o seu sistema de prioridade de valores (Granjo & Peixoto, 2013).

2 Finalidade e objetivos

É recorrente a transmissão da ideia, pelos mais diversos meios, de que o Mundo atual atravessa uma enorme crise de valores. Segundo García, Barbero & Muñoz, (2017, p. 125),

la propia Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO) (1998) considera que la sociedad actual se encuentra inmersa en una profunda crisis de valores, centrados únicamente en la economía, por lo que considera que las instituciones educativas deben centrarse más en fomentar las dimensiones morales y espirituales con mayor arraigo.

Neste contexto, partindo dos elementos-chave anteriormente apresentados – literatura de potencial receção infantil e valores – entendemos que, tendo como pano de fundo as transformações políticas, económicas e sociais, e a atual “crise de valores”, esta centrada em valores como o poder e o hedonismo em detrimento de outros como o universalismo e a humildade, urge perceber quais os valores que a

literatura de potencial recepção infantil veicula e de que forma o faz. E a partir daqui importa refletir sobre a forma como contribui para a construção de valores humanos.

Na prossecução destes e de outros objetivos, iniciámos, em fevereiro de 2017, um projeto de investigação internacional, mais amplo que envolve docentes de duas instituições de ensino superior, uma portuguesa e outra brasileira.

Começámos por analisar obras de literatura clássica, mais concretamente três contos dos Irmãos Grimm pela importância que, ao longo de diferentes gerações, a sua obra tem vindo a assumir. A nossa escolha recaiu sobre os contos “O Pássaro Dourado”, “O Pescador e a sua Mulher” e “Põe-te-Mesa, Asno de Ouro e Cacete-Sai-do-Saco”.

3 Análise reflexiva dos valores emergentes nas obras selecionadas

Inscrita numa metodologia de carácter qualitativo, recorreu-se à análise documental como forma de perceber que valores emergem nas obras selecionadas. Tendo por base a análise prévia ao nível literário, estilístico e semântico, articulam-se elementos daqui resultantes com os valores que emergem nos contos escolhidos, quando se considera a tipologia de valores de Schwartz et al. (2012).

Em qualquer um dos textos supracitados, o leitor é brindado com uma linguagem descritiva, repleta de repetições, com abundância de detalhes e com diversas marcas do tradicional registo oral. Assim sendo, é na linguagem que as simbologias são denotadas, não só através dos números e dos significados que adquirem ao longo da narrativa, mas também nos diversos estilos de vida que as personagens veiculam – a solha é a personificação da vida simples, a mulher simboliza a ganância e o fausto, o homem a abnegação, a obediência e a falta de amor-próprio, em “O Pescador e a sua Mulher”; a árvore com maçãs douradas simboliza a riqueza do reino, o pássaro dourado a ambição e a opulência do rei em “O Pássaro Dourado”; o pai simboliza a austeridade impiedosa, a frieza e a descrença nos filhos que criou, os filhos representam a humildade e a ignorância e a cabra a esperteza e a falsidade, em “Põe-te-Mesa, Asno de Ouro e Cacete-Sai-do-Saco”.

As personagens corporizam os valores pela forma como se posicionam na narrativa, pelo modo como se comportam e pela influência que as suas posturas terão no desenrolar da peripécia e no conseqüente desfecho. Naturalmente, estes elementos ajudarão a construir a moral que cada um dos contos pretende transmitir.

3.1 “O Pescador e a sua mulher”

Em “O Pescador e a sua Mulher” percebe-se uma confrontação de valores que é “resolvida” pela moral da história – a ganância da mulher reconduz o casal à vida de miséria que sempre conhecera, apesar dos avisos do homem e da impaciência da solha, desejo após desejo. Em jeito de resumo, somos remetidos para a velha frase “Quem tudo quer, tudo perde”.

Assim, o leitor é direcionado, primeiro, para a busca incessante, por parte da mulher, pelo poder, através do controlo de recursos materiais, e pelo exercício de controlo sobre as pessoas (neste caso mais diretamente o marido) e, também, para a busca de prazer e gratificação para si mesma.

Volta lá e chama a solha. Diz-lhe que queremos ter a nossa pequena cabana, que isso ela nos dá com certeza. (...) ouve lá, homem, esta casa é demasiado pequena para nós, o pátio e o jardim são minúsculos. A solha bem nos podia ter dado uma casa maior. Vai ter com ela e pede-lhe que nos dê um castelo. (...) Não podíamos ser reis de toda aquela terra? Vai ter com a solha, eu vou ser rei. (...). Eu sou rei e tu não passas do meu marido, por isso vais lá agora ou não? Se ela consegue fazer um rei, consegue fazer um imperador. Eu vou ser imperador!(pp. 131-132)

Estamos, assim, perante valores como o poder e o hedonismo em oposição a outros como a humildade e a conformidade interpessoal (presentes no comportamento do marido) que, a existirem na mulher, travariam as suas ações com vista a não perturbar quer o marido, quer a própria solha e que não conduziriam, certamente, ao desfecho referido.

3.2 “O Pássaro Dourado”

Em “O Pássaro Dourado”, o narrador deixa que o leitor pressinta o desfecho e a sua moral através de ténues pistas que habilmente surgem no comportamento/decisões das personagens, sobressaindo novamente uma confrontação de diferentes valores. Destaca-se, mais uma vez, a busca pelo poder através do controlo de recursos materiais. O rei ao ser confrontado com a existência de um pássaro dourado, e depois de receber uma das suas penas, de imediato reclama o pássaro todo. “Se a pena é assim tão preciosa...de nada me vale só uma. Quero é o pássaro todo” (p. 450).

Também dois dos seus filhos não olham a meios para atingir fins e chegam a tentar matar o próprio irmão, mesmo depois de este os ter salvado da força, para ficarem com a sua donzela, o cavalo e o pássaro, os levarem ao pai e, assim, ganharem o seu reconhecimento e acederem a mais poder junto do seu pai.

Também neste conto emerge o hedonismo. A busca de prazer para si próprio, destaca-se através da ação de dois dos filhos do rei que, ignorando os sábios conselhos da raposa, decidem pernoitar numa estalagem repleta de animação e divertimento, esquecendo até a tarefa que tinham em mãos e que lhes tinha sido dada pelo seu pai. “Mas teria de ser mesmo parvo...para me ir meter na estalagem pelintra e não entrar na estalagem bonita” (p. 450).

Mais uma vez, estes valores (poder e hedonismo) surgem na oposição a um outro valor (conformidade interpessoal), oposição esta que se resolve na moral da história pelas consequências negativas que os dois primeiros acarretam. Como consequência, os dois irmãos mais velhos acabaram presos e condenados à morte, o que contrasta com a felicidade do “vitorioso” irmão mais novo que, durante toda a ação, se abstém de ações que possam prejudicar ou perturbar os outros, evidenciando o valor de conformidade interpessoal.

3.3 “Põe-te-Mesa, Asno de Ouro e Cacete-Sai-do-Saco”

Em “Põe-te Mesa”, a moral é enunciada logo no início do conto, através da expulsão dos filhos do alfaiate da casa paterna com a conquista da libertação do jugo paterno e consequentes inclemência e injustiça. Curiosa é, sem dúvida, a vontade que esses filhos, feitos homens, sentem em regressar ao seio familiar para impressionarem o pai e a restante família com as riquezas que conseguiram angariar.

Neste conto, mais uma vez, se coloca em evidência a obtenção de poder através da acumulação de recursos, independentemente das vias para os obter, sem olhar a meios para atingir fins. O estalajadeiro, ao aperceber-se da riqueza dos seus dois hóspedes, decide roubá-los para lhes ficar com a mesma. Sem que pareça haver uma confrontação de valores evidente, como nos contos anteriores, esta ação culmina novamente em consequências negativas – o estalajadeiro é descoberto, “leva uma tarefa” e um dos irmãos recupera os bens dos outros dois. Fica, assim, bem evidente a restituição da justiça e a ideia implícita de que roubar não é o caminho certo.

4 Considerações finais

A análise realizada a partir dos contos selecionados não se esgota nas reflexões que aqui se apresentam. A análise detalhada ultrapassaria certamente o âmbito específico desta comunicação.

Importa perceber, antes de se avançar, que a realidade social para a qual remetem as histórias contadas não reproduz aquela que é a realidade da criança do século XXI, dado que os clássicos têm poucos elementos comuns ao mundo da criança atual, devido à época histórica em que foram escritos (séc. XIX) e à abundante presença do fantástico e da magia, bem como de uma fauna efabulada e uma flora personificada. Estes elementos exigem da Criança do século XXI capacidades de extrapolação para situações passíveis de acontecer apenas no mundo do fantástico. No entanto, e desta forma, eles remetem a Criança para uma realidade caracterizada por ações, que refletem valores atemporais e que têm repercussões positivas ou negativas. Pode dizer-se que aqui reside muita da importância destes e de outros contos.

Nas obras selecionadas, e tal como é característico dos Irmãos Grimm, de acordo com Traça (1992), a luta pelo poder sobressai de forma evidente. Também evidente parece ser que o objetivo final não é o

de elevar o poder como valor a preservar, mas precisamente “desmascarar” as consequências negativas de uma busca incessante pelo mesmo. Assim, a ação das personagens que se assumem nesta busca pelo poder, quer através da obtenção de recursos, quer através do domínio sobre os outros, culmina em consequências negativas para estas mesmas personagens, e, por vezes, até para os que lhe são próximos, ainda que não corroborem os seus comportamentos. Por oposição à tal busca exacerbada pelo poder, emerge também o final feliz para os que se preocuparam com os outros e se abstiveram de ações que prejudicassem as outras pessoas, aqueles que evidenciam, na sua conduta, valores como a humildade e a conformidade interpessoal.

Chegados aqui, importa destacar a importância do trabalho com estes contos no contexto educativo. Baseando-nos em Martins (2013), pensamos que o professor pode assumir um papel relevante, fazendo a ponte entre o conto e aquilo que os alunos percebem a partir dele e, assim, contribuir para que cada um construa de forma progressiva os seus próprios valores. O professor não será um transmissor, mas antes um agente facilitador dessa construção, na medida em que pode criar condições para que cada aluno descubra e construa os seus valores.

Numa perspetiva de educação para o desenvolvimento, e no contexto dos desafios que o mundo atravessa, tantos deles com raízes na busca desmesurada pelo poder, pensamos que, a partir do trabalho com os contos que aqui abordamos, o professor/mediador de leitura tem uma base de trabalho que permite fazer a ponte entre a fábula/maravilhoso e a realidade, pela presença de valores que, apesar dos contos datarem do século XIX, fazem com que eles permaneçam atuais e de enorme validade, como comprovámos na nossa reflexão.

5 Referências

- Bettleheim, B. (2011). *Psicanálise dos contos de fadas*. Porto: Bertrand.
- García, V., Barbero, F., & Muñoz, R. (2017). Evaluación de la jerarquía de valores humanos de Schwartz en la adolescência: diferencias de género e implicaciones educativas. *Revista Brasileira de Educação*, 22(68), 123-146.
- Granho, M., & Peixoto, F. (2013). Contributo para o estudo da escala de valores humanos de Schwartz em professores. *Laboratório de Psicologia*, 11(1), 3-17.
- Grimm, W., & Grimm J. (2012). *Contos da infância e do lar*. Vol-I. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Martins, M. J. (2013). Educação para o valores, desenvolvimento sociomoral e literatura infanto-juvenil. *Aprender*, 5-10.
- Schwartz, S., Sagiv, L., & Boehnke, K. (2000). Worries and values. *Journal of personality*, 68(2), 309-346.
- Schwartz, S., Vecchione, M., Fischer, R., Ramos, A., Demirutku, K., Dirilen-Gumus, O., Cieciuch, J., Davidov, E., Beierlein, C., Verkasalo, M., Lonnqvist, J., & Konty, M. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of personality and social psychology*, 103(4), 663-688.
- Traça, M. E. (1992). *O Fio da memória: do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.
- Zilberman, R. (2003). *A Literatura infantil na Escola*. São Paulo: Global Editora.